



# Influência da utilização de métodos contraceptivos sobre as taxas de **gestação não planejada** em mulheres brasileiras

Maria Celeste Osório Wender<sup>1</sup>, Rogério Bonassi Machado<sup>2</sup>, Carlos Alberto Politano<sup>3</sup>

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo primário analisar a taxa de gestações não planejadas e sua relação com o uso de métodos contraceptivos no Brasil. Secundariamente, procurou-se identificar o impacto da pandemia por SARS-CoV-2 sobre o desejo reprodutivo e a utilização de contraceptivos. Foram entrevistadas mulheres entre 16 e 45 anos que tiveram pelo menos uma gestação, por meio de questionário *on-line*, em todas as regiões brasileiras. Foram analisados dados de 1.000 mulheres com média etária de 34,7 anos, paridade média de 1,69 filho e número médio de 2,01 gestações. Entre as mulheres, 62% referiram ter tido pelo menos uma gestação não planejada, com maior percentual entre as mulheres que utilizam o sistema público de saúde (65%) em relação ao sistema privado (55%). Entre as mulheres que referiram ao menos uma gestação não planejada, 46% usavam algum método contraceptivo na ocasião. O uso atual de métodos contraceptivos atingiu 81% das mulheres entrevistadas, sendo os contraceptivos orais utilizados por 31%, seguidos dos preservativos (20%), laqueadura tubária (10%) e métodos de longa ação (LARC, 9%). Entre as mulheres, 53% considerariam um LARC como modalidade contraceptiva, especialmente entre as que referiram esquecimento frequente de pílulas. Durante a pandemia, 7% das mulheres entrevistadas referiram suspender o uso de contraceptivos. Para 80%, não houve mudanças no planejamento reprodutivo durante a pandemia, porém observaram-se 10% de gestações não planejadas. Em conclusão, a menor adoção de métodos contraceptivos, aliada ao uso incorreto/falha do método, associa-se a maiores taxas de gestações não planejadas. Métodos com maior índice de eficácia são considerados por mulheres que já experimentaram gestações não planejadas. Houve pequeno impacto da pandemia sobre o uso de métodos contraceptivos e sobre o planejamento reprodutivo.

## Descritores:

Gravidez; Anticoncepção; Métodos contraceptivos; Reprodução

1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
2. Faculdade de Medicina de Jundiaí, Jundiaí, SP, Brasil.
3. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

## Conflitos de interesse:

Nada a declarar.

## Como citar:

Wender MCO, Machado RB, Politano CA. Influência da utilização de métodos contraceptivos sobre as taxas de gestação não planejada em mulheres brasileiras. *Femina*. 2022;50(3):134-141.

## INTRODUÇÃO

A gravidez não planejada representa preocupação significativa de saúde pública no mundo, com estimativa global recente mostrando que 44% de todas as gestações não foram planejadas, variando entre diversos países e mesmo dentro do próprio país.<sup>(1)</sup> Pesquisas mostram que mais de 55% das mulheres não planejaram a gravidez no Brasil, a despeito de atividades preventivas e educativas para os diversos segmentos da população serem previstas em nossa legislação.<sup>(2)</sup>

Estima-se que, a cada ano, 6 milhões de gestações não planejadas, 2,1 milhões de partos não planejados, 3,2 milhões de abortos e 5.600 mortes maternas seriam reduzidos, evitando a necessidade não atendida de orientação contraceptiva e acesso aos métodos eficazes.<sup>(3)</sup>

Os resultados provenientes da pesquisa “Nascer no Brasil”, divulgada na imprensa nacional, apontam para a necessidade de um debate social ampliado sobre a eficácia real dos métodos contraceptivos e seu impacto sobre a taxa de gestações não planejadas em nosso país. De fato, além de mostrar a elevada taxa de gestações não planejadas no Brasil, evidenciou-se ainda que 25,5% das mulheres entrevistadas preferiam esperar mais tempo para engravidar e 29,9% delas não desejavam engravidar em nenhum momento da vida, atual ou futuro.<sup>(4)</sup>

O acesso aos métodos contraceptivos tem importância central ao se analisar a gênese das gestações não planejadas. Nesse sentido, o aconselhamento ou orientação contraceptiva fundamentada no estímulo à discussão individual, permitindo a escolha do método por meio de decisão compartilhada, tem grande relevância.<sup>(5,6)</sup> Entretanto, a despeito do número crescente de usuárias de métodos contraceptivos e da disponibilidade de formulações, muitas mulheres ainda estão sujeitas às gestações indesejadas e suas consequências. Nos Estados Unidos, estima-se que metade das mulheres que têm gestações não programadas refere o uso de algum método contraceptivo no mês em que a gravidez ocorreu.<sup>(7)</sup> Trussell<sup>(8)</sup> observou que nesse país as taxas de gravidez indesejada foram de 9% durante o primeiro ano de uso típico para todos os contraceptivos hormonais combinados. No Brasil, a prevalência de uso anticoncepcional é de 76,7%, sendo em 62,7% para limitar o número de filhos e em 14% para espaçar os nascimentos.<sup>(9)</sup> Contudo, em regiões mais pobres do país, a prevalência relatada do uso de contraceptivos atinge somente 62%, cifra resultante do menor acesso a serviços de planejamento familiar.<sup>(10)</sup> Além do problema do acesso aos métodos contraceptivos, o uso inconsistente tem importância particular sobre as taxas de falhas dos diferentes métodos. A baixa adesão em geral relaciona-se ao menor conhecimento das características do método, podendo associar-se à falta de motivação para o uso e, ainda, à insatisfação da mulher com o método contraceptivo escolhido.<sup>(11,12)</sup> Ainda, a presença da pandemia por SARS-CoV-2 pode representar mudanças na prática contraceptiva, além do próprio planejamento reprodutivo.

Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo primário analisar a taxa de gestações não planejadas e sua relação com o uso de métodos contraceptivos no Brasil. Secundariamente, procurou-se identificar o impacto da pandemia por SARS-CoV-2 sobre o desejo reprodutivo e a utilização de contraceptivos.

## MÉTODOS

Realizou-se um estudo de base populacional por meio de entrevistas *on-line* via painel de internautas. Avaliaram-se respostas de 1.000 entrevistas de mulheres brasileiras de classes A, B e C, entre 16 e 45 anos de idade, que já tinham engravidado pelo menos uma vez, provenientes de todas as regiões nacionais. Dados demográficos com idade, classe social, uso de sistema de saúde público ou privado, número de gestações, partos, filhos vivos, gestações não planejadas e utilização de métodos contraceptivos atuais e no momento da eventual gestação não planejada foram analisados, além de outras questões específicas listadas no quadro 1. Os resultados foram expressos por meio de porcentagem entre as diferentes faixas etárias – 15 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 45 anos – e entre os sistemas de saúde utilizados pelas participantes, definidos como público ou privado. A margem de erro foi de 3 pontos percentuais, considerando-se intervalo de confiança de 95%. Bases menores que 100 respostas foram consideradas pequenas para leitura e foram excluídas.

## RESULTADOS

A média etária das participantes foi de 34 anos, com maior percentual de mulheres (91%) dos 26 aos 45 anos. As mais jovens (15 a 25 anos) corresponderam a 9% da amostra analisada. O número médio de gestações foi de 2,01 e o número médio de filhos foi de 1,69, com pequena variação entre as faixas etárias analisadas. A maioria das mulheres era usuária do sistema público de saúde (70,3%) (Tabela 1).

O total de 62% das mulheres avaliadas referiu pelo menos uma gestação não planejada, com maior prevalência entre as mulheres de 15 a 25 anos e usuárias do sistema público de saúde, que apresentaram taxas de 66% e 65%, respectivamente. O número médio de gestações não planejadas foi de 1,51 caso (Tabela 2).

Aspectos relacionados ao não uso, à falha ou ao uso incorreto de métodos contraceptivos foram apontados, pelas próprias mulheres, como as principais justificativas para a ocorrência das gestações não programadas, como exposto na tabela 3.

No momento em que houve a gestação não planejada, 54% das mulheres avaliadas referiram não usar método contraceptivo. As taxas foram similares entre as diferentes faixas etárias, bem como entre as usuárias do sistema de saúde público ou privado. Por outro lado, atualmente, 81% das mulheres referiram que

Quadro 1. Questionário aplicado *on-line*

F4. Você já engravidou alguma vez?
F5. Quantos filhos biológicos você tem?
P1) Atualmente, você usa o sistema de saúde público ou privado?
P2) Você pretende engravidar no próximo ano?
P3) Qual método contraceptivo você usa atualmente?
P4) Quem te indicou o método?
P5) O que te levou a optar pelo método?
P6) O quanto você concorda que o método de longa ação (DIU hormonal, DIU de cobre ou implante) te traz mais liberdade e autonomia para organizar sua vida e fazer seu planejamento familiar?
P7) Qual é o motivo para não usar nenhum método?
P8) Por que você tem receio dos métodos contraceptivos disponíveis?
P9) O que impede o seu acesso a métodos contraceptivos?
P10) Com quantos anos você começou a sua vida sexual?
P11) Você já frequentava a(o) ginecologista antes de começar a vida sexual?
P12) Por qual motivo você não frequentava a(o) ginecologista antes de começar a sua vida sexual?
P13) Com quantos anos você engravidou pela primeira vez?
P14) Quantas vezes você já engravidou?
P15+P16) Alguma das gravidezes não foi planejada?
P17) Quantas gravidezes não planejadas você já teve?
P18) Você usava algum método contraceptivo na época?
P19) Qual você acha que pode ter sido o motivo dessa(s) gravidez(es) não planejada(s)?
P20) Se você conhecesse melhor as alternativas de contracepção disponíveis na época, você acha que isso teria feito diferença (prevenido a gravidez)?
P21) Com que idade você começou a procurar informações sobre contracepção e passou a ter mais conhecimento sobre planejamento familiar?
P22) Quem te ensinou sobre contracepção?
P23) Onde você costuma buscar informações sobre contracepção e planejamento familiar?
P24) Pesquisas apontam que mais da metade das brasileiras não planejaram sua última gestação. Essa taxa é ainda mais alta na população de jovens e adolescentes.
P25) Quais medidas você sugeriria para reduzir índices de gravidez não planejada no país?
RESUMO: P26) Você conhece os métodos de longa ação, como DIU hormonal, DIU de cobre ou implante?
P27) Você acha que os métodos de longa ação, como DIU hormonal, DIU de cobre ou implante seriam uma opção interessante para seu perfil?
P28) O que te impede de aderir ao dispositivo de longa ação, como DIU hormonal ou DIU de cobre?
P29) A pandemia influenciou de alguma forma seu uso de contraceptivos?
P30) Por que você parou de usar contraceptivos?
P31) Quando começou a pandemia, você tinha planos de engravidar nos próximos meses?

usam métodos contraceptivos, representados pelas pílulas, preservativos e laqueadura. Os métodos reversíveis de longa ação (LARCs) foram apontados, em grupo, por 9% das mulheres. Ressalte-se que os LARCs foram citados como método atual por 19% entre as mulheres usuárias do sistema privado, em contraste com 4% da-

quelas que utilizam o sistema público de saúde (Tabela 4). Mais da metade (53%) das entrevistadas referiu que optaria por um LARC como método contraceptivo, apoiadas principalmente por possível esquecimento do uso de pílulas e por não desejarem gestações em curto prazo (Tabela 5).

**Tabela 1.** Características das mulheres entrevistadas

	Idade (anos)			Sistema de saúde		
	15 a 25	26 a 35	36 a 45	Público	Privado	Total
<b>n (%)</b>	103 (9)	439 (42)	458 (49)	703 (70,3)	297 (29,7)	1.000 (100)
<b>Idade – média (anos)</b>	23,3	31,0	40,0	34,3	35,9	34,7
<b>Número de gestações (%)</b>						
<b>1</b>	69	46	36	41	49	43
<b>2</b>	21	34	36	34	33	34
<b>3</b>	5	14	19	16	15	16
<b>4</b>	2	5	6	6	2	5
<b>5</b>	0	1	2	2	0	1
<b>Gestações – média (dp)</b>	2,01 (3,35)	1,95 (1,86)	2,05 (1,18)	2,07 (1,77)	1,86 (1,87)	2,01 (1,80)
<b>Número de filhos (%)</b>						
<b>1</b>	73	52	46	48	60	51
<b>2</b>	23	34	46	35	32	34
<b>3</b>	2	10	11	11	6	10
<b>4</b>	0	3	6	5	1	4
<b>5</b>	0	0	1	1	0	1
<b>Média – número de filhos</b>	1,29	1,65	1,79	1,76	1,49	1,69

n: número; %: percentual; dp: desvio-padrão

**Tabela 2.** Gestações não planejadas em mulheres brasileiras, de acordo com a idade e o sistema de saúde utilizado

	Idade (anos)			Sistema de saúde		Total
	15 a 25	26 a 35	36 a 45	Público	Privado	
<b>% com alguma gestação não planejada<sup>a</sup></b>	66	62	61	65	55	62
<b>Número de gestações não planejadas (%)<sup>b</sup></b>						
<b>1</b>	*	66	59	62	67	63
<b>2</b>	*	23	29	25	25	25
<b>3</b>	*	8	10	9	8	9
<b>4</b>	*	3	3	3	0	3
<b>5</b>	*	0	0	0	0	0
<b>Gestações – média (dp)</b>	-	1,49 (0,79)	1,57 (0,79)	1,55 (0,82)	1,41 (0,63)	1,51 (0,78)

<sup>a</sup> Base: 1.000 entrevistas. <sup>b</sup> Base: 624 entrevistas. \* Número insuficiente de respostas. dp: desvio-padrão

A tabela 6 mostra o impacto da pandemia de SARS-CoV-2 sobre os métodos contraceptivos e sobre o planejamento de eventual gravidez no período. Observou-se que 7% do total de mulheres parou de usar método contraceptivo durante a pandemia, com maior prevalência entre as mais jovens. Embora 6% das mulheres entrevistadas tivessem planejado engravidar durante a pandemia e tenham mantido o plano, 10% das mulheres engravidaram sem planejamento.

## DISCUSSÃO

Observamos que 62% das mulheres relataram ao menos uma gestação não planejada ao longo da vida. Além de mais alta do que a média nacional,<sup>(3,4)</sup> essa cifra é superior à relatada em estudo na população americana, em que 45% das americanas entre 15-44 anos de idade relatam ter tido ao menos uma gestação não planejada.<sup>(13)</sup> Ao serem questionadas sobre o motivo de terem engravidado sem planejamento, 34% das mulheres relataram que não

Tabela 3. Justificativas, apontadas pelas mulheres entrevistadas, para a ocorrência da gravidez não planejada

	Idade (anos)			Sistema de saúde		Total
	15 a 25*	26 a 35	36 a 45	Público	Privado	
Não usava MC	-	31	34	33	36	34
Falha do MC	-	27	27	28	27	27
Uso incorreto do MC	-	25	17	21	19	20
Recusa de uso de preservativo pelo parceiro	-	9	14	12	10	12
Desconhecimento sobre MC	-	4	5	5	2	4
Falta de acesso a MC	-	5	7	6	6	6
Relação não consentida sem acesso a MC	-	1	2	3	0	2
Outro	-	11	9	9	9	9
Índice de multiplicidade		1,24	1,29	1,27	1,24	1,26

MC: método contraceptivo; \* Número insuficiente de respostas

Tabela 4. Uso de método contraceptivo na época da ocorrência da gravidez não planejada e modalidades contraceptivas utilizadas atualmente

	Idade (anos)			Sistema de saúde		Total
	15 a 25	26 a 35	36 a 45	Público	Privado	
<b>Uso de MC na época da GNP</b>						
Sim	*	48	44	46	45	46
Não	*	52	56	54	55	54
<b>Uso atual de MC</b>						
Sim	81	84	78	81	82	81
Não	19	16	22	19	18	19
<b>MC atual</b>						
Pílula <sup>a</sup>	39	34	26	32	28	31
Preservativo	22	22	17	20	19	20
Laqueadura	0	8	13	12	5	10
Vasectomia	0	4	7	4	9	5
Injetável mensal	7	5	4	5	3	5
Injetável trimestral	9	7	2	6	1	5
DIU de cobre	6	3	4	3	6	4
DIU hormonal	4	4	5	1	12	4
Implante	1	1	1	0	1	1
Outros <sup>b</sup>	15	8	7	6	5	7
Índice de multiplicidade	1,22	1,12	1,07	1,10	1,12	1,11

MC: método contraceptivo; GNP: gestação não planejada. <sup>a</sup> Inclui contraceptivos combinados e pílulas de progestagênio. <sup>b</sup> Inclui anel vaginal, adesivo contraceptivo e métodos comportamentais. \* Número insuficiente de respostas

estavam em uso de nenhum método, enquanto 27% delas apontaram que ocorreu falha do método utilizado e 20% disseram que o método foi utilizado de forma incorreta (portanto, em 47% das gestações não planejadas, a causa foi por falha ou uso incorreto do método usado).

Nossos resultados apontam que a pílula é o método anticoncepcional mais utilizado pelas mulheres no Brasil (31%), seguido pelo *condom* (20%) e a laqueadura tubária (10% das entrevistadas). O dado confirma o achado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**Tabela 5.** Percentual de mulheres que considerariam ou não o uso de um LARC como método contraceptivo

	Idade (anos)			Sistema de saúde		Total
	15 a 25	26 a 35	36 a 45	Público	Privado	
<b>Optaria por LARC</b>	*	55	46	55	45	53
<b>Justificativa</b>						
<b>Esquecimento frequente do método atual</b>	*	15	13	15	12	14
<b>Não deseja engravidar</b>	*	24	21	25	21	24
<b>Não deseja engravidar em curto prazo</b>	*	12	7	10	8	10
<b>Outros motivos</b>	*	5	5	5	4	5
<b>Não optaria por LARC</b>	*	45	54	45	55	47
<b>Justificativa</b>						
<b>Adaptada ao método atual</b>	*	4	8	4	10	6
<b>Receio de dor com DIU</b>	*	10	5	8	5	7
<b>Desejo de gestação em curto prazo</b>	*	7	4	5	7	6
<b>Outros motivos</b>	*	25	36	27	33	28

DIU: dispositivo intrauterino; LARC: contraceptivo reversível de longa ação (*long acting reversible contraceptive*). \* Número insuficiente de respostas

**Tabela 6.** Impacto da pandemia sobre o planejamento reprodutivo e sobre o uso de contraceptivos em mulheres no Brasil

	Idade (anos)			Sistema de saúde		Total
	15 a 25	26 a 35	36 a 45	Público	Privado	
<b>Influência da pandemia sobre o uso do MC</b>						
<b>Parou de usar</b>	14	8	5	9	3	7
<b>Trocou de MC</b>	11	6	2	4	6	5
<b>Iniciou MC</b>	7	5	2	4	3	3
<b>Não houve mudança</b>	68	81	91	83	89	85
<b>Influência da pandemia sobre o planejamento reprodutivo</b>						
<b>Sim e manteve o plano de engravidar</b>	13	7	4	6	6	6
<b>Sim e postergou o plano de engravidar</b>	1	6	5	7	7	5
<b>Não e engravidou sem planejar</b>	23	13	4	7	7	10
<b>Não e não engravidou</b>	63	74	87	81	81	79

MC: método contraceptivo

(IBGE) de 2013,<sup>(14)</sup> em que 30% das mulheres brasileiras referiram usar a pílula como método anticoncepcional. De forma interessante, em consonância com os dados populacionais mais recentes, observa-se diminuição expressiva das laqueaduras no Brasil, incluindo a utilização do método no sistema de saúde público.<sup>(14)</sup> A maior abrangência de métodos contraceptivos a conscientização quanto à eficácia dos diferentes métodos pode representar justificativa para esse achado.

Somando todos os métodos conhecidos como LARC, chega-se a 9% de usuárias. Esse índice é bastante inferior ao de outros lugares no mundo, como América do Norte e Europa – mesmo ao analisarmos os dados mundiais de uso (referentes ao ano de 2019), os LARCs eram utilizados por quase 20% das mulheres (17% DIU e 2% implantes), enquanto a pílula era usada por 16% das mulheres.<sup>(15)</sup> Ressalte-se, ainda, que os LARCs apresentaram, em nosso estudo, uso preferencial entre mu-

heres do sistema de saúde privado, no qual há maior acesso aos LARCs, particularmente ao sistema intrauterino de levonorgestrel. A presença do DIU de cobre como única opção entre os LARCs no sistema de saúde público reflete o baixo índice de uso nessa população. Por outro lado, mais da metade das mulheres entrevistadas consideraria o uso de um LARC, justificando a possível escolha por conhecerem a eficácia e a facilidade de uso dessa modalidade contraceptiva. Um aspecto interessante é o elevado percentual de mulheres que responderam que poderiam optar por um LARC (53% das mulheres). Esse percentual é semelhante ao encontrado no estudo TANCO Brasil, no qual mais de 60% das usuárias de pílulas estavam interessadas em informações regulares e abrangentes sobre esses métodos.<sup>(16)</sup> O fator relatado com maior frequência como impedimento para o uso dos LARCs foi “é caro, não tenho acesso”, por 26% das respondedoras. Sabe-se que o custo relativamente alto dos métodos LARC, quando comparados com outros contraceptivos, contribui para a dificuldade de acesso a esses métodos. Mulheres de nível socioeconômico mais baixo têm mais dificuldade de acesso aos LARCs devido à disponibilidade insuficiente nos serviços públicos. Assim, reforça-se o papel do acesso como fator limitante e de preocupação entre as mulheres brasileiras, particularmente no sistema público de saúde.

Diferentemente do que imaginávamos, a pandemia por SARS-CoV-2 não representou grande impacto entre as mulheres por nós avaliadas, a despeito da ocorrência de taxa de 10% de gestações não planejadas. A pandemia da COVID-19 não afetou os hábitos contraceptivos, uma vez que 85% das mulheres brasileiras mantiveram os métodos durante esse período (83% das atendidas no sistema público e 89% das atendidas no sistema de saúde privado).

## CONCLUSÃO

A menor adoção de métodos contraceptivos, aliada ao uso incorreto e à falha do método associam-se a maiores taxas de gestações não planejadas. Métodos com maior índice de eficácia, a exemplo dos LARCs, são considerados por mulheres que já experimentaram gestações não planejadas. Houve pequeno impacto da pandemia sobre o uso de métodos contraceptivos e sobre o planejamento reprodutivo.

## REFERÊNCIAS

- Ganatra B, Gerds C, Rossier C, Johnson BR Jr, Tunçalp Ö, Assifi A, et al. Global, regional, and subregional classification of abortions by safety, 2010-14: estimates from a Bayesian hierarchical model. *Lancet*. 2017;390(10110):2372-81. doi: 10.1016/S0140-6736(17)31794-4
- Brandão ER, Cabral CD. From unplanned pregnancy to contraception: contributions to the debate. *Cad Saúde Pública*. 2017;33(2):e00211216. doi: 10.1590/0102-311X00211216
- Darroch JE, Woog V, Bankole A, Ashford LS. Adding it up: costs and benefits of meeting the contraceptive needs of adolescents [Internet]. New York: Guttmacher Institute; 2016 [cited 2022 Jan 10]. Available from: <https://www.guttmacher.org/report/adding-it-meeting-contraceptive-needs-of-adolescents>
- Thomé C. 55% das mães não queriam ter filhos, aponta pesquisa. O Estado de S. Paulo. 2016 Dec 2 [cited 2021 Oct 17]. Available from: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,55-das-maes-nao-queriam-ter-filhos-aponta-pesquisa,10000092047>
- Wyatt KD, Anderson RT, Creedon D, Montori VM, Bachman J, Erwin P, et al. Women's values in contraceptive choice: a systematic review of relevant attributes included in decision aids. *BMC Womens Health*. 2014;14(1):28. doi: 10.1186/1472-6874-14-28
- Donnelly KZ, Foster TC, Thompson R. What matters most? The content and concordance of patients' and providers' information priorities for contraceptive decision making. *Contraception*. 2014;90(3):280-7. doi: 10.1016/j.contraception.2014.04.012
- Jones RK, Darroch JE, Henshaw SK. Contraceptive use among U.S. women having abortions in 2000-2001. *Perspect Sex Reprod Health*. 2002;34(6):294-303.
- Trussell J. Contraceptive failure in the United States. *Contraception*. 2011;83(5):397-404. doi: 10.1016/j.contraception.2011.01.021
- Tavares LS, Telles FS. Necessidade insatisfeita por métodos anticoncepcionais no Brasil. *Rev Bras Epidemiol*. 2007;10(2):139-48. doi: 10.1590/S1415-790X2007000200002
- Stuart C, Homolova B, Fontes M, Laro R, Olson N. Contraceptive procurement policies, practices, and lessons learned: Brazil. Arlington: DELIVER, for the U.S. Agency for International Development; 2006.
- Rosenberg M, Waugh MS. Causes and consequences of oral contraceptive noncompliance. *Am J Obstet Gynecol*. 1999;180(2 Pt 2):S276-9. doi: 10.1016/S0002-9378(99)70718-0
- Rajasekar D, Bigrigg A. Pill knowledge amongst oral contraceptive users in family planning clinics in Scotland: facts, myths and fantasies. *Eur J Contracept Reprod Health Care*. 2000;5:85-90. doi: 10.1080/13625180008500377
- Finer LB, Zolna MR. Declines in unintended pregnancy in the United States, 2008-2011. *N Engl J Med*. 2016;374(9):843-52. doi: 10.1056/NEJMsa1506575
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde: 2013: ciclos de vida: Brasil e grandes regiões [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2015 [cited 2021 Dec 20]. Available from: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94522.pdf>
- United Nations. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. Contraceptive use by method 2019: Data Booklet (ST/ESA/SER.A/435) [Internet]. New York: UN; 2019 [cited 2022 Jan 15]. Available from: [https://www.un.org/development/desa.pd/files/files/documents/2020/jan/un\\_2019\\_contraceptiveusebymethod\\_databooklet.pdf](https://www.un.org/development/desa/pd/sites/www.un.org.development.desa.pd/files/files/documents/2020/jan/un_2019_contraceptiveusebymethod_databooklet.pdf)
- Machado RB, Ushikusa TE, Monteiro IM, Guazzelli CA, di Bella ZJ, Politano CA, et al. Different perceptions among women and their physicians regarding contraceptive counseling: results from the TANCO Survey in Brazil. *Rev Bras Ginecol Obstet*. 2020;42(5):255-65. doi: 10.1055/s-0040-1712145